

CADERNO DE FARÓIS



Caderno de faróis

Jazmina Barrera

tradução de

Silvia Massimini Felix



| | |
|-----|-------------------------|
| 10 | <i>Yaquina Head</i> |
| 38 | <i>Jeffrey's Hook</i> |
| 48 | <i>Montauk Point</i> |
| 58 | <i>Farol de Goury</i> |
| 88 | <i>Blackwell</i> |
| 96 | <i>O farol de Tapia</i> |
| 112 | <i>Bibliografia</i> |
| 114 | <i>Agradecimentos</i> |



Para Lucía e Marina



*44°40'36.4"N 124°4'45.9"O
Yaquina Head Lighthouse. Torre de tijolos
pintados de branco, de 28 metros. Lanterna
com lente de Fresnel original, visível a
31 quilômetros da costa. Fases de dois
segundos aceso, dois segundos apagado, dois
segundos aceso, catorze segundos apagado.*

Yaquina Head

Chegamos a Portland para ficar na casa do Willey, o namorado da minha tia. Willey tinha sido médico militar e Pantera Negra na juventude; todos os dias ele mantinha a mesma rotina, que incluía um farto café da manhã com ovos e bacon, sêmola de trigo e torradas, a leitura de um jornal e dois ou três cigarros na varanda de sua casa.

Eu não fumo, mas no primeiro dia que passei naquela casa fiquei por muito tempo na varanda olhando para o rio cheio de barcos e aves marinhas. Suponho que foi como fumar. No dia seguinte, pegamos a estrada para o sul. Meu primo, que tem dois metros de altura, e eu íamos esmagados no minúsculo banco traseiro da picape vermelha que Willey chamava *my baby*. Passamos uma noite no hotel coberto de neve perpétua onde filmaram *O iluminado*, ao lado da cratera de um vulcão adormecido que se transformou num lago de cor azul-safira.

Voltei a Portland dois anos depois. Minha mãe, minha tia, Willey e eu fomos para a cidade costeira de Newport. Era setembro. Na mesma picape atravessamos uma estrada arborizada e paramos para comer *marionberry cupcakes*, feitos com as frutas endêmicas do lugar, num *diner* no meio da rodovia, administrado por um casal de velhinhos simpáticos. Lembro-me de que estava com os fones de ouvido e via passar florestas

sem folhas, de troncos escuros, depois brancos e por fim vermelhos. Chegamos a Newport, eu nunca tinha estado diante de um mar tão cinzento, tão frio. Mesmo no verão, o nevoeiro inundava toda a cidadezinha, e tivemos de procurar o hotel entre as nuvens.



Fracassei em quase todas as minhas coleções. Quando pequena, ficava impressionada com as crianças que tinham todos os bonecos dos Cavaleiros do Zodíaco ou a série de brinquedos colecionáveis que vinham nos saquinhos de batatas fritas. Eu me esforçava muito, mas nunca consegui esse tipo de façanha. Duas coleções que chegaram longe foram a de pedras preciosas (hoje sei que quase todas eram tipos diferentes de quartzo) e a de bolinhas de gude. Eu era fascinada por cores e texturas, talvez por isso tenha me concentrado nelas. Também prosperou a coleção de flores secas, que ainda tenho e que contém exemplares de vários jardins da minha vida.

A maior coleção que tenho é a de livros. Quando criança, eu costumava lê-los imediatamente, no dia que os comprava. Até a adolescência, eu havia lido todos os exemplares que tinha. Chegou um momento em que comecei a ter mais livros do que tempo para lê-los, e logo me dei conta de que provavelmente nunca conseguiria ler tudo que havia na minha biblioteca (há uma palavra japonesa para isso: *tsundoku*). Agora posso distinguir entre duas coleções: a dos livros em si — os objetos — e a das experiências de leitura, que também são cobiçadas e acumuladas.



Eu não conhecia os faróis, mas já tinha sonhado com um quando era criança; estava abandonado e ficava longe da costa. Na

parte de baixo, havia um jardim e uma casa onde eu morava com meus pais. No sonho, eu perguntava ao meu pai o que ele havia encontrado em sua ronda pelos quartos arruinados. Ele me respondia que apenas o esqueleto de um morcego. Eu fazia questão de esclarecer que o animal já estava morto, mas ele dizia para si mesmo, como num trailer de filme de terror: “Morto, mas vivo”. A ponta do farol era visível: um ático escuro onde o esqueleto de um morcego mexia, com suas mãos ossudas, uma poção num caldeirão. A câmera então dava um zoom no crânio, que dizia com voz estridente: “Estou preparando uma vingança para quem me matou”.



Melville, em *Moby Dick*, diz que os humanos compartilham uma atração natural pela água. A certa altura, Ishmael explica por que se gastam economias e bônus para visitar um lago azul-safira localizado acima da cratera seca de um vulcão, uma cascata tão alta que a água evapora antes de tocar as rochas, um conjunto de piscinas onde vivem seres minúsculos e pré-históricos no meio do deserto, um cenote perdido na selva. Ele explica o espanto com a cor que hoje chamaríamos de Internacional Klein Blue e o turquesa da lagoa Bacalar, em Quintana Roo. Todos os caminhos levam à água, diz Ishmael: “E a razão pela qual ninguém pode resistir ao seu curso é a mesma razão pela qual Narciso se afogou em seu próprio rosto: porque na água se desenha o fantasma inapreensível da vida”.

O dom refletor da água fez Joseph Brodsky pensar que, se o espírito de Deus se aproximasse da superfície, ela necessariamente teria que duplicá-lo. Deus, para Brodsky, é tempo; a água é, portanto, a imagem dele; e uma onda que varre a costa à meia-noite é um pedaço de tempo que surge da água. Se isso

for verdade, observar a superfície do oceano de dentro de um avião é o mesmo que testemunhar a face inquieta do tempo.

Nenhuma civilização costeira, com lagos ou rios importantes, esteve imune à necessidade de navegar nas águas, de explorar as extensões dos mares, de conduzir ou de se transportar sobre as ondas. No entanto, os marinheiros parecem tão vulneráveis em seus navios quanto os pinguins em terra. A água, familiar e necessária, é ao mesmo tempo distante e ameaçadora. Embora constitua a maior parte do corpo humano, também pode tirar a vida.

Os primeiros faróis surgem de um esforço coletivo para alertar sobre áreas perigosas, costas e cais próximos. Os naufrágios podem ser menos comuns hoje, mas por muito tempo ocorriam com muita frequência: 832 navios por ano, na Inglaterra, em 1853, segundo Jean Delumeau, que em seu livro *História do medo no Ocidente* cita Pantagruel, o personagem de Rabelais, que confessa seu medo do mar e de “uma espécie de morte, por naufrágio”, que lhe parece aterrorizante. E acrescenta, citando Homero, “coisa grave, abominável e desnaturada é perecer no mar”.

Os infernos de muitas mitologias são rodeados de água, chega-se a eles navegando, porque, nas palavras de Delumeau, na Antiguidade, “o mar era associado, na sensibilidade coletiva, às piores imagens de angústia. Estava ligado à morte, à noite, ao abismo”.

Os maias construíram monumentos que iluminavam por dentro para indicar onde era arriscado ou possível desembarcar. Os celtas acendiam fogueiras para enviar mensagens ao longo da costa. Mas foram os gregos que deram nome aos faróis.

Fogo que sinaliza o fim do mar. Homero fala na *Ilíada* de torres em chamas, com fogueiras que precisavam ser protegidas, como o fogo sagrado nos templos de Apolo. Conta de uma

fogueira num lugar solitário, numa montanha, que aparecia aos marinheiros que vagavam pelo mar, “pois as tempestades os afastaram de seus amigos”, e que brilhava como o escudo de Aquiles, “visível até para os próprios deuses”.

Parece que durante a Guerra de Troia havia um farol na entrada do Helesponto e outro no estreito de Bósforo. Suetônio diz que havia um farol na ilha de Capri, e Plínio, o Velho, fala de outros em Ostia e Ravena (ele alerta, além disso, para o perigo de confundi-los com estrelas). Herodiano alude a “torres de luzes que há nos portos, cujo fogo orienta os navios à noite”. Deles descende o farol que deu nome a todos os seguintes: o Farol de Alexandria. Nessa ilha de Faros que Ulisses visitou, de onde zarpavam, “em direção ao mar aberto, os navios calibrados”, estava o enorme farol guardião que Ptolomeu I, general macedônio de Alexandre, o Grande, mandou construir no século III a.C.

Era uma torre imponente de pedra kaddam e abóbadas de vidro, de 135 metros de altura, com chamas que arrematavam o cume, junto com uma estátua resplandecente do deus Hélio. Dizem que o arquiteto Sótrato de Cnido gravou seu nome na pedra, engessou-a e em cima dela escreveu o nome de Ptolomeu, sabendo que o gesso acabaria saindo e seu nome sobreviveria. O fogo permanecia vivo dia e noite, e os barcos podiam vê-lo até 56 quilômetros antes de chegar à costa. Sobreviveu mais do que os jardins suspensos, mais do que qualquer outra das sete maravilhas, até que em 1323 um terremoto o derrubou. Mas Alexandria será sempre a cidade do farol, inscrito na história como um enorme fantasma.

“As mesmas ruas e quadras arderão em minha imaginação, assim como o Farol arde na história”, diz o narrador de *Justine*, o primeiro romance do *Quarteto de Alexandria*, de Lawrence

Durrell. Nele a protagonista se funde com a cidade, ambos sedutores, tempestuosos e inatingíveis.

Depois começaram a brotar faróis em diferentes partes do mundo. Em Roma e outras terras vizinhas, torres altas eram dispostas na entrada dos portos imitando a de Alexandria, como a torre de Hércules em La Coruña. Conta-se que o imperador Calígula, em sua loucura, declarou guerra a Netuno. Quis insultá-lo coletando conchas na praia, mas como Netuno não respondeu, o imperador decidiu que havia vencido. “Como testemunho de sua vitória, construiu uma torre muito alta, na qual se acendiam à noite, como faróis, luzes para dirigir a marcha dos navios.”

Os faróis funcionavam primeiro com lenha, depois com carvão e mais tarde com breu. Então vieram as lamparinas a óleo e gás, e, quando a eletricidade pôde ser gerada, começaram a trabalhar com lâmpadas. A luz que emitem é amplificada pelas lentes de Fresnel: fantásticas cabeças vítreas que parecem monstros pré-históricos e podem levar a luz várias milhas mar adentro.

Os faróis remanescentes mais antigos são da Idade Média. As muralhas às vezes tinham fogueiras que serviam para avisar os barcos da proximidade da costa. Naquela época, os monges cuidavam dos faróis, de livre e espontânea vontade e com boa-fé. Seu esforço se opunha à atitude dos monarcas, que reivindicavam o direito de possuir tudo o que naufragava em suas costas (homens e mulheres incluídos). Assim, prosperaram terras como a Normandia, onde as correntes bruscas muitas vezes faziam naufragar os navios. Ao mesmo tempo, eram edificadas na China pagodes gigantes que serviam de faróis.

Em 1321, a Lanterna foi construída em Gênova, cujo faroleiro em meados do século XV era Antonio Colombo, que de acordo com várias fontes foi tio do marinheiro Cristóvão Colombo.



O Sylvia Beach Hotel, em Newport, é o capricho de duas mulheres obcecadas por literatura. Uma casa enorme, cheia de gatos e aposentadas que viajam em grupos e usam sombrinhas (parentes próximas dos homens que montam barcos em garrafas, dos que fazem excursões para ver pássaros e dos que colecionam — colecionamos — esculturas de faróis). Há uma biblioteca no sótão e cerca de vinte quartos dedicados a autores conhecidos; há um de Emily Dickinson, outro de Walt Whitman, um de Jane Austen e outros de Shakespeare, Melville e Gertrude Stein (embora o nome do hotel seja uma homenagem à mecenas de Joyce, nenhum quarto é dedicado ao autor de *Ulysses*). Cada aposento é decorado de acordo com a época e os gostos desses autores, com suas respectivas obras completas nas estantes. Eu adoraria dormir no quarto Virginia Woolf, com decoração vitoriana e janela com vista para o mar, de onde ao longe era possível avistar o cabo de Yaquina Head e, em seu promontório, o farol. Eu havia começado a ler *To the Lighthouse*. Não me lembro se foi por acaso ou se decidi lê-lo porque sabia que ia para um farol e forcei a coincidência.

O farol apresentado em *To the Lighthouse* é inspirado em outro que se localiza perto da costa da Cornualha, onde Virginia Woolf passava o verão com a família; é branco, pequeno, fica no topo de uma ilha e tem muitas janelas. *To the Lighthouse* começa diante de uma janela, com a promessa da sra. Ramsay para seu filho James de que, se no dia seguinte fizer bom tempo, eles irão ao farol perto de sua casa de campo. Ela repete a promessa enquanto tricota um par de meias para o filho tuberculoso do faroleiro. O guarda do farol está encerrado na rocha há meses durante o tempo tempestuoso, sem ver ninguém. A sra. Ramsay imagina-o ali, semana após semana, com

a tempestade a fustigar o farol, balançando-o, cobrindo-o de espuma. Dirigindo-se em particular às suas filhas, a sra. Ramsay diz que é preciso levar aos faroleiros o que estiver ao seu alcance para ajudá-los, confortá-los e entretê-los, porque deve ser terrível e muito aborrecido estar preso ali todo o tempo sem nada para fazer.



Moro numa ilha, no quinto andar de um prédio vermelho. O número no corredor diz que é o quinto, mas há dois andares número 2, ninguém soube me explicar por quê. Raramente desço dessa torre de tijolos. Se o faço, é quase sempre à noite ou para ir ver faróis.

Em meu apartamento há quatro janelas. Duas estão cobertas por grades que foram instaladas porque alguém tentou recentemente assaltar os vizinhos. As outras duas dão para uma parede de tijolos a um metro de distância. A parede é tão alta que se você olhar para cima não consegue ver o céu. Para baixo, também pouco se vê o chão; o espaço se torna mais estreito e os tijolos se perdem na negrura. Nunca tive claustrofobia, mas às vezes sinto uma necessidade incontrolável de ver o horizonte. Nesta cidade de edifícios altos é difícil encontrá-lo, você tem que se dirigir até o terraço no último andar, ir para o rio ou procurar uma daquelas avenidas que atravessam a ilha por completo, onde se consegue ver alguma paisagem ao fundo. De vez em quando, faço algumas dessas coisas. Aprendi nas aulas de desenho que minha mente costuma ir aonde meus olhos vão, e que se meu olhar se restringe por muito tempo, meu pensamento é encurtado.

Outro problema com as janelas do apartamento é a escuridão. Em meu quarto e na sala se filtra uma luz grisácea e enfraquecida, igual à de um dia nublado. A única planta que eu